

Gênero e sexualidade nas comunidades tradicionais de terreiro: tensões e resistências à cisheteronormatividade

Antônio Pedro Lima Júnior¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i2.55864>

Resumo: O artigo investiga as interseções entre gênero, sexualidade e religiosidade nas Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) da Grande São Paulo. A partir de uma análise teórica fundamentada em autores como Judith Butler, Michel Foucault, Berenice Bento e Oyérónké Oyéwùmí, o estudo explora como as práticas e representações de gênero são naturalizadas ou desafiadas nos terreiros. Divindades africanas como Exu, Oxumaré e Logunedé são destacadas como exemplos de fluidez de gênero que contestam as concepções binárias ocidentais. A pesquisa, realizada com lideranças de terreiros na Grande São Paulo, aponta uma postura geralmente positiva em relação à inclusão de pessoas transgêneras, embora desafios como a transfobia e a falta de informação ainda persistam. O artigo conclui que, embora as CTTro preservem práticas ancestrais, elas também enfrentam tensões com normas cisheteronormativas, oferecendo um espaço fértil para a resistência e a ressignificação de identidades de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Cisheteronormatividade. Terreiros. Fluidez De Gênero. Inclusão LGBTQIAPN+. Resistência Cultural.

Resumen: Este artículo investiga las intersecciones entre género, sexualidad y religiosidad en las Comunidades Tradicionales de la Tierra (CTTro) del Gran São Paulo. Utilizando un análisis teórico basado en autores como Judith Butler, Michel Foucault, Berenice Bento y Oyérónké Oyéwùmí, el estudio explora cómo las prácticas y representaciones de género son naturalizadas o desafiadas en los terreiros. Deidades africanas como Exu, Oxumaré y Logunedé se destacan como ejemplos de fluidez de género que desafían las concepciones binarias occidentales. La investigación, realizada con líderes de terreiros del Gran São Paulo, apunta a una actitud generalmente positiva hacia la inclusión de las personas transexuales, aunque persisten retos como la transfobia y la falta de información. El artículo concluye que, aunque el CTTro preserve prácticas ancestrales, también se enfrenta a tensiones con las normas cisheteronormativas, ofreciendo un espacio fértil para la resistencia y la resignificación de las identidades de género y sexuales.

Palabras clave: Cisheteronormatividad. Terreiros. Fluidez de Género. Inclusión LGBTQIAPN+. Resistencia Cultural.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: limajunior.ap@gmail.com.

Introdução

As Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) são espaços que carregam consigo uma longa história de resistência cultural e religiosa no Brasil, tendo um papel fundamental na preservação e transmissão de saberes afro-brasileiros. Mais do que locais de prática religiosa, essas comunidades funcionam como polos de formação identitária, nos quais os aspectos culturais e sociais das populações negras e marginalizadas são ressignificados e fortalecidos. No entanto, as dinâmicas de gênero e sexualidade que permeiam esses espaços continuam a ser sub-examinadas, especialmente no que se refere às representações e performatividades cisheteronormativas.

Este artigo se propõe a investigar as formas pelas quais as CTTro Grande São Paulo-SP, região metropolitana que abriga uma densa e diversa população que lida com as questões de gênero e sexualidade em seu cotidiano religioso. Ao mesmo tempo em que essas comunidades preservam e celebram saberes ancestrais, elas também são atravessadas por tensões que emergem do confronto entre as normas cisheteronormativas dominantes e as identidades sexuais e de gênero que se manifestam nesses espaços, tendo sido elas mesmas criminalizadas outrora e agora adotaria elas um binarismo cristão de “macho” e “fêmea”, “homem” e “mulher”.

A criminalização da homossexualidade gerou um substrato legal de interpelação da população LGBTQIA+ enquanto aberrações, cujos membros passaram a ser vistos como agentes perigosos à civilidade em todos os lugares colonizados por nações cristãs. Isso levou à perseguição, prisão, tortura e execução de pessoas LGBTQIA+, fomentando um clima de medo e sigilo em sociedades onde, muitas vezes, sequer a concepção binária de gênero (masculino ou feminino, e nada além disso) era a norma. Nesse cenário de terror e medo, a imposição religiosa era facilitada, e as lideranças cristãs adquiriam poder quase absoluto, similar ao que tinham durante a Idade Média. Os cristãos instrumentalizaram a LGBTQIA+fobia como ferramenta de desumanização e controle dos povos colonizados, inclusive dos heterossexuais. Os invasores cristãos argumentavam que a aceitação dos LGBTQIA+ nas comunidades era uma prova da inferioridade de suas religiões e culturas, taxando-as como selvagens e primitivas. Logo, eles deveriam ser convertidos ao cristianismo, mesmo se debaixo de coerção, para que se “civilizassem”. (Stern, 2023. p. 156)

O comentário de Stern (2023) sobre a LGBTQIA+fobia nas sociedades colonizadas também pode ser aplicado à análise de como as tradições afro-brasileiras foram afetadas pelo processo de colonização e, em alguns casos, acabaram por reproduzir

parcialmente estereótipos impostos pelo cristianismo. Durante a colonização do Brasil, as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, foram alvo de perseguição e demonização, o que as forçou a se adaptar a uma sociedade marcada pelos valores e moralidade cristã.

As comunidades afro-brasileiras, apesar de suas origens em cosmologias africanas com concepções mais fluidas de gênero e sexualidade², tiveram que operar dentro de um contexto em que a homofobia e a cisheteronormatividade se tornaram normas sociais dominantes. A imposição do cristianismo, com sua moralidade binária e repressora, impactou profundamente essas tradições. Esse processo de colonização cultural levou muitas vezes a uma internalização, consciente ou inconsciente, de alguns dos valores patriarcais e heteronormativos da cultura cristã colonizadora.

Em algumas tradições afro-brasileiras, isso se reflete em estereótipos sobre o papel de gênero ou no tratamento das pessoas LGBTQIA+ dentro de certas comunidades. A presença de lideranças masculinas (como o babalorixá) e a divisão de funções entre homens e mulheres em alguns terreiros de candomblé, por exemplo, pode estar parcialmente influenciada por essa moralidade binária imposta durante a colonização. Embora muitas dessas tradições reconheçam a diversidade de gênero e sexualidade, algumas reproduções da cisheteronormatividade, como a marginalização sutil ou explícita de membros LGBTQIA+, podem ser vistas como vestígios da colonização cristã.

Assim como Stern (2023) observa que a homofobia foi usada como ferramenta de controle e desumanização, podemos pensar que, em parte, as tradições afro-brasileiras foram compelidas a absorver certas normas sociais cisheteronormativas como forma de sobreviver a uma sociedade majoritariamente cristã e racista. Esse processo pode ter levado, em alguns contextos, à reprodução de discursos e práticas que não refletem inteiramente a ancestralidade africana original, mas são influenciados por séculos de repressão e a necessidade de adaptação. A contradição entre a ancestralidade que valoriza a diversidade e a influência cristã colonizadora é um tema que merece mais investigação para entender como as tradições afro-brasileiras navegam essas tensões.

Para compreender essas dinâmicas, o presente estudo se apoiou em um referencial teórico que entrelaça as noções de performatividade de gênero e sexualidade Butler, 2003;

² Esses são algumas das divindades da cosmologia iorubá que desafiam o conceito ocidental binário de gênero Exu (Èṣù) – Transgressor, Fluido, Oxumaré (Òṣùmàrè) – Andrógino, Bissexual, Logunedé (Lógún-Edé) – Andrógino, Não Binário, Obatalá (Òrìṣà-ńlá) – Andrógino, Agênero, Nanã Buruku (Nànà Bùkùú) – Divindade Ancestral com Fluidez de Gênero, Erinlé (Inlé) – Possível representação LGBTQIA+.

Bento, 2006) com a análise foucaultiana sobre a construção discursiva da sexualidade e o poder (Foucault, 2020). A partir dessas abordagens, busca-se explorar como as representações cisheteronormativas são naturalizadas, reproduzidas ou resistidas dentro das práticas e crenças das CTTro. Para isso, partiremos da crítica à universalização das categorias ocidentais de gênero proposta por Oyèrónké Oyéwùmí (2021) que oferece uma perspectiva essencial para examinar as especificidades dessas comunidades de matriz africana, onde as epistemologias afrocentradas podem questionar as normas eurocêntricas impostas pela sociedade mais ampla.

No panteão africano, existem várias divindades que escapam às categorias rígidas de gênero e sexualidade, sendo vistas como andróginas, não binárias, ou associadas a identidades LGBTQIA+. Embora o conceito de gênero e sexualidade nas tradições africanas seja algo ocidental, imposto por seus colonizadores como um meio de poder e controle (Oyéwùmí, 2021). Na contemporaneidade esse conceito permanece bastante diverso e fluido, muitas dessas divindades manifestam uma pluralidade de expressões que desafiam as normas ocidentais de gênero e sexualidade. Aqui estão alguns exemplos dessas divindades:

Exu (èṣù) – transgressor, fluido

Exu é uma divindade complexa, associada à comunicação, às encruzilhadas e às forças de transformação. Ele transgride as normas e, em alguns mitos, é descrito como uma entidade que pode manifestar tanto características masculinas quanto femininas. Embora Exu não seja diretamente descrito como uma divindade LGBTQIA+, sua natureza fluida, ambígua e transgressora o torna uma figura que quebra barreiras de gênero e sexualidade (Alexandre, 2023). Sua ligação com a mudança e a transformação faz dele um símbolo de liberdade e fluidez.

Oxumaré (òṣùmàrè) – androgino, bissexual

Oxumaré, uma das divindades mais frequentemente associadas à fluidez de gênero no candomblé e na umbanda, é visto como uma entidade que transita entre os polos masculinos e femininos. Durante parte do ano, Oxumaré é considerado masculino, e em outra parte do ano, feminino. Ele é representado pela cobra arco-íris, símbolo de

renovação e ciclo, o que reflete a dualidade e a complementaridade de gênero. Essa divindade também é associada à fertilidade e à riqueza, além de ser vista como uma figura que conecta a terra ao céu (Prandi, 2001).

Logunedé (Lógún- Edé) – Andrógino, não binário

Logunedé, filho de Oxóssi e Oxum, é uma divindade que expressa uma dualidade de gênero. Ele é descrito como vivendo metade do ano como homem (ligado ao pai, Oxóssi, orixá da caça) e metade como mulher (ligado à mãe, Oxum, orixá das águas doces e da beleza). Logunedé é um orixá jovem e belo, muitas vezes visto como um guerreiro habilidoso e caçador, ao mesmo tempo que possui uma natureza encantadora e graciosa (Lopes, 2006). Sua representação de fluidez de gênero é uma das mais claras no panteão afro-brasileiro.

Obatalá (òrìṣà-ńlá) – androgino, agênero

Obatalá, o grande criador de corpos humanos, é frequentemente descrito como uma divindade androgina ou sem gênero, simbolizando a pureza, a paz e a justiça. Na cosmologia iorubá, Obatalá transcende as distinções binárias de gênero e representa uma energia universal de criação, associada à brancura e à clareza. Ele é responsável pela criação física do ser humano, imbuindo-os com espírito e vida, o que o coloca em uma posição além das categorias humanas de gênero e sexualidade.

Nanã Buruku (Nàná Bùkùú) – Divindade Ancestral com fluidez de gênero

Nanã Buruku, uma das orixás mais antigas, é frequentemente associada ao poder feminino e à ancestralidade. Embora normalmente seja representada como uma figura feminina, algumas tradições veem Nanã como possuidora de uma sabedoria que transcende o gênero. Sua energia está associada à criação da vida e à morte, ocupando um espaço que é tanto feminino quanto universal, representando as forças cíclicas da natureza.

Erinlé (Inlé) – Possível representação LGBTQIA+

Erinlé (ou Inlé) é uma divindade associada à caça e à pesca, e em algumas tradições é descrito como um orixá que mantinha relações amorosas com Logunedé (Lopes, 2006), outra divindade fluida de gênero. Essa relação é interpretada por alguns praticantes como uma expressão de um amor que transcende o conceito de orientação sexual tradicional, associando Erinlé a um arquétipo de amor entre homens.

Nas religiões de matriz africana, as noções de gênero e sexualidade são muito mais flexíveis do que nas culturas ocidentais. Orixás, voduns e nkisis não são rigidamente definidos em termos binários, o que permite uma maior diversidade de expressão tanto para as divindades quanto para seus devotos. As divindades são muitas vezes vistas como representações de forças da natureza, o que implica que elas podem incorporar múltiplos aspectos e transitar entre papéis masculinos e femininos, ou mesmo transcender essas categorias.

Essa flexibilidade é refletida também no modo como as práticas religiosas lidam com os devotos LGBTQIA+. Embora as influências coloniais cristãs tenham imposto uma cisheteronormatividade em muitos aspectos das tradições afro-brasileiras, a cosmologia original africana, com sua abertura para a fluidez, continua a ser uma fonte de resistência e transformação dentro dessas comunidades.

Assim, o projeto não apenas contribui para o campo dos estudos de gênero e sexualidade, mas também para a compreensão mais ampla das práticas tradicionais afro-brasileiras em suas intersecções com questões sociais e culturais contemporâneas. Por meio de uma análise sociocultural focada nas performatividades de gênero, este estudo busca iluminar as complexidades das CTTro em Guarulhos, revelando as resistências e negociações que se dão no confronto com as normas cisheteronormativas.

Desenvolvimento

Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2003) e *Corpos que importam* (2019), propõe a ideia da performatividade de gênero, argumentando que as identidades de gênero são construídas socialmente por meio de atos repetidos que reforçam normas cisheteronormativas. Essa perspectiva é essencial para analisar como as práticas e normas de gênero se reproduzem e se subvertem nos terreiros, onde a cisheteronormatividade

pode coexistir e entrar em tensão com a fluidez de gênero. No entanto, em *The Power of Religion in the Public Sphere* (2019), Butler discute o papel da religião na esfera pública, abrindo caminho para investigar como as comunidades de terreiro lidam com as performatividades de gênero e sexualidade dentro de um contexto espiritual que pode tanto reproduzir quanto resistir a essas normas sociais.

Michel Foucault, em sua série *História da Sexualidade* (2020), oferece uma análise detalhada da construção do discurso sobre sexualidade e poder. Foucault explora como as instituições sociais, incluindo a religião, moldam os corpos e as subjetividades através de dispositivos de controle e disciplina. Nos terreiros, espaços historicamente marginalizados, esse controle pode se manifestar de forma singular, influenciado tanto por resistências afro-brasileiras quanto por influências coloniais cisheteronormativas. Suas reflexões sobre o cuidado de si e o uso dos prazeres (volumes II e III) ajudam a entender como as práticas religiosas podem constituir espaços de resignificação dos corpos e das sexualidades.

Berenice Bento, em *A reinvenção do corpo* (2006), oferece uma análise das experiências transexuais que desafiam as construções hegemônicas de gênero. A leitura de Bento é particularmente relevante no contexto dos terreiros, uma vez que permite uma compreensão mais ampla das diversas vivências de gênero e sexualidade que habitam esses espaços. Bento coloca em evidência as formas pelas quais corpos não conformes desafiam as normatividades e criam subjetividades, que podem entrar em diálogo ou tensão com a cisheteronormatividade nos terreiros.

Por fim, *Oyèrónké Oyéwùmí* com *A Invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021) traz uma crítica contundente às categorias de gênero ocidentais, que por vezes são universalizadas em contextos culturais não ocidentais. A autora sugere que as epistemologias africanas e afro-brasileiras, presentes nas comunidades de terreiro, oferecem uma abordagem alternativa às construções eurocêntricas de gênero. Essa perspectiva é crucial para o projeto, pois permite uma análise que não apenas desafia a cisheteronormatividade, mas também resiste a impor categorias externas às comunidades de terreiro, valorizando suas cosmologias próprias e suas maneiras de conceber gênero e sexualidade.

Oyèrónké Oyéwùmí (2021) apresenta uma crítica incisiva sobre a maneira como a sociedade ocidental constrói suas percepções de identidade e diferença a partir da noção de "corpos". Ela argumenta que a sociedade não apenas reconhece a existência de diferentes corpos (masculinos, femininos, ricos, pobres etc.), mas também atribui

significados e hierarquias a esses corpos, transformando-os em locais de inscrição social e cultural.

Assim, conforme Oyēwùmí (2021) a fisicalidade do corpo adquire uma importância desproporcional e passa a ser usada como uma metonímia para a biologia e como ponto de partida para estabelecer diferenças sociais e culturais, refletindo um determinismo biológico que é central na cultura ocidental. Um conceito central em sua obra é o de *bio-lógica*.

A *bio-lógica*, refere-se à apropriação dos corpos e populações, onde o corpo é integrado a um sistema de gestão da vida, sendo controlado e moldado por meio de uma série de dispositivos políticos e sociais fundamentados na biologia que regulam a existência e o comportamento desses corpos. Ao adotar o corpo como referência, a sociedade infere identidades, crenças e posições sociais, como se o valor de uma pessoa fosse definido exclusivamente por sua aparência física.

Esse processo sustenta e justifica a desigualdade e a exclusão, perpetuando opressões baseadas em gênero, raça e classe. Oyēwùmí (2021) desafia, portanto, a naturalização dessas diferenças e ressalta a necessidade de reconhecer que o "corpo" é uma construção social complexa, que vai além de sua fisicalidade e das associações com categorias fixas de identidade.

Judith Butler (2019) também oferece uma análise crítica sobre a forma como os corpos são concebidos, mas destaca especialmente o caráter performativo e discursivo dessas construções. Em oposição a uma visão essencialista, Butler argumenta que os corpos são moldados e produzidos por práticas discursivas que determinam quais corpos "importam" dentro de normas sociais e culturais que os valorizam ou marginalizam.

Para Butler (2019), a materialização dos corpos não é natural ou neutra, mas um processo performativo que ocorre por meio de práticas repetitivas que atribuem significado aos corpos dentro de um contexto social. Ela sugere que a ideia de "sexo" é um efeito dessas práticas discursivas, que impõem categorias como "masculino" e "feminino" de forma aparentemente fixa. Butler, portanto, desafia a noção de que o corpo tem uma essência inerente, destacando que o que é considerado um "corpo que importa" é resultado de construções normativas que determinam quais corpos são legitimados e quais são excluídos.

Em diálogo com essas teorias, Berenice Bento (2006) oferece uma perspectiva crítica e específica sobre a construção e vivência dos corpos, com foco nas experiências brasileiras e latino-americanas. Para Bento, o corpo é um território de poder e disputa,

onde normas sociais, culturais e políticas determinam o que é considerado legítimo ou inteligível. Em seus estudos, ela problematiza as experiências das pessoas trans, evidenciando como seus corpos desafiam as categorias normativas de gênero.

Bento (2006) argumenta que as identidades trans desestabilizam a ideia de que o corpo é algo biologicamente fixo, demonstrando que o gênero é um processo em constante transformação. Ela enfatiza que os “corpos que importam” são marcados por múltiplas opressões e que as experiências das pessoas trans, especialmente as negras e pobres, expõem as limitações das categorias binárias que estruturam os discursos sobre corpo e gênero.

Já Michel Foucault (2020) aborda a dinâmica entre sexualidade e poder, questionando a ideia de que o poder apenas reprime a expressão da sexualidade. Para Foucault (2020), a sexualidade é constantemente produzida e regulada pelo poder, tornando-se um dos principais meios de exercício e manifestação desse poder na sociedade.

Foucault (2020) propõe que o poder não é apenas uma força repressiva, mas uma rede complexa que circula por instituições, discursos e práticas sociais, normatizando a sexualidade. Um conceito central em sua obra é o de *biopoder*, que se refere às práticas que visam a gestão da vida, do corpo e da população, tornando a sexualidade um objeto de controle e regulação. Foucault mostra que as identidades sexuais e de gênero não são naturais, mas construídas e regulamentadas por práticas discursivas que definem o que é “normal” ou “anormal”. Ele, assim, desloca o foco da repressão para a produção, demonstrando como o poder cria formas de conhecimento e verdade sobre a sexualidade, influenciando profundamente como vivemos e experimentamos nossos corpos e desejos. Deste modo, Oyewùmí, Butler, Bento e Foucault oferecem abordagens críticas sobre como os corpos são construídos, regulados e investidos de significado através de práticas discursivas e relações de poder, revelando que as concepções de corpo, gênero e sexualidade são complexas construções sociais que sustentam e perpetuam estruturas de desigualdade e opressão.

Resultados

Os dados analisados foram coletados por meio de um formulário *Google Forms*, disponibilizado em grupos de lideranças de terreiros. O objetivo foi entender a percepção

e as práticas relacionadas à inclusão de pessoas transgêneras nas comunidades religiosas de matriz africana. Ao todo, 13 lideranças participaram da pesquisa, representando uma diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, incluindo homens e mulheres cisgêneros, além de uma mulher trans. Entre os participantes, há heterossexuais e homossexuais, com vínculos religiosos ao Candomblé nas tradições Ketu e Kongo-Angola, bem como à Umbanda, sem participantes de outras tradições. Os terreiros das lideranças que participaram estão localizados nas cidades de São Paulo, Guarulhos, Santo André, São Caetano, São Bernardo do Campo, Diadema e Ribeirão Pires, no estado de São Paulo.

A análise dos dados coletados de destaca a diversidade de opiniões e práticas em relação à inclusão de pessoas transgêneras nos terreiros e barracões de religiões de matriz africana, como umbanda e candomblé. Os participantes expressam uma atitude predominantemente positiva em relação à aceitação de pessoas trans em suas comunidades religiosas, refletindo a crença de que a espiritualidade deve ser acessível a todos, independentemente de gênero ou orientação sexual. Todavia, alguns padrões foram observados:

- *Recepção e inclusão de pessoas trans*: a maioria dos participantes responde positivamente sobre a recepção de pessoas transgêneras, reforçando a ideia de que a espiritualidade transcende questões de identidade de gênero. As práticas de acolhimento variam de um terreiro para outro, com alguns líderes mencionando a importância de seguir as orientações dos Orixás para iniciações e práticas.
- *Acolhimento universal*: muitos entrevistados destacam que o Candomblé e a Umbanda acolhem todas as pessoas, independentemente de suas identidades, e que a fé e o respeito são fundamentais.
- *Políticas e orientações específicas*: alguns terreiros adotam políticas explícitas de respeito às identidades de gênero, enquanto outros não possuem políticas formais, mas mantêm uma abordagem de respeito e acolhimento. Em alguns casos, o respeito ao indivíduo é enfatizado como uma prática central, sem distinção de gênero.
- *Desafios e dificuldades*: o preconceito social é identificado como um dos principais desafios enfrentados por pessoas transgêneras, tanto no terreiro quanto

fora dele. Alguns líderes mencionam que os desafios são externos à religião, vinculados à sociedade em geral.

- *Transfobia e desinformação:* a transfobia enraizada na sociedade e a falta de orientação sobre diversidade de gênero são apontadas como barreiras que precisam ser superadas com diálogo e educação.
- *Iniciação de pessoas transgêneras:* as respostas variam quanto à iniciação de pessoas trans. Alguns terreiros já iniciaram pessoas transgêneras, enquanto outros afirmam que seguem as orientações dos Orixás em cada caso. Em geral, segundo os participantes o foco é na fé e no comprometimento da pessoa com a espiritualidade, e não na sua identidade de gênero.
- *Orientações religiosas:* em algumas tradições, como o candomblé, há discussões sobre o equilíbrio entre energia masculina e feminina e como essas questões são tratadas dentro dos rituais ficou em aberto com base nas respostas obtidas pelos participantes.
- *Benefícios da inclusão:* a inclusão de pessoas transgêneras é vista como uma forma de fortalecer a diversidade e a inclusão nas comunidades religiosas, com muitos líderes religiosos acreditando que essa diversidade enriquece a comunidade e diminui a transfobia.
- *Respeito e acolhimento:* vários entrevistados mencionam que a inclusão de pessoas trans é importante para ensinar respeito e acolhimento, além de reafirmar que o candomblé e a umbanda são espaços de cura e evolução espiritual para todos.
- *Formação e educação:* muitos entrevistados expressaram interesse em receber mais informações ou participar de formações sobre inclusão de pessoas transgêneras em contextos religiosos. Isso indica uma abertura para o diálogo e a educação contínua sobre o tema.

Os dados indicam que as religiões de matriz africana têm um potencial inclusivo e acolhedor em relação à diversidade de gênero, embora ainda existam desafios ligados ao preconceito social. A maioria dos líderes religiosos entrevistados vê a inclusão de pessoas transgêneras como benéfica e essencial para o fortalecimento da comunidade, apontando a importância do diálogo, respeito e compreensão para superar barreiras e preconceitos.

Uma crítica relevante à ausência do argumento sobre a sexualidade não-binária de orixás nas discussões sobre a presença de pessoas trans nas CTTro pode se apoiar na importância do simbolismo religioso na legitimação social de questões identitárias. A omissão desse aspecto subestima uma das bases mais ricas e poderosas da cosmologia afro-brasileira, onde muitos orixás, como Oxumarê e Logunedé, transcendem os padrões binários de gênero e sexualidade impostos pela sociedade ocidental.

A tradição religiosa de matriz africana, notadamente nos cultos de orixás, já apresenta figuras divinas que operam fora das normas cisheteronormativas. Os orixás são símbolos de fluidez, equilíbrio entre os princípios masculino e feminino, e suas manifestações são frequentemente associadas a energias que transitam entre gêneros e orientações sexuais. Ao ignorar essa realidade espiritual, perde-se uma oportunidade crucial de afirmar e legitimar a presença e a dignidade de pessoas trans dentro dos terreiros, em total harmonia com a teologia e a mitologia desses cultos.

A ausência desse argumento revela, de certo modo, a internalização da hegemonia cisheteronormativa, que ainda pauta muitas discussões mesmo em espaços que têm, por essência, uma visão mais plural e inclusiva. Considerar as figuras dos orixás como exemplos de pluralidade de gênero e sexualidade poderia não só reforçar a positividade da presença trans, mas também reafirmar a importância dos terreiros como espaços de resistência à normatividade imposta pela colonização ocidental.

Ao não utilizar esses exemplos, a discussão acaba limitando a riqueza simbólica da tradição religiosa, deixando de reconhecer a dimensão espiritual como um poderoso argumento a favor da inclusão trans nas CTTro. Portanto, é fundamental que esse aspecto seja resgatado e colocado no centro do debate, não apenas como um argumento teológico, mas também como uma forma de fortalecer as lutas identitárias no campo das religiões afro-brasileiras.

Outro ponto muito curioso, foi que, embora as lideranças que participaram da pesquisa tenham se declarado favoráveis à presença de pessoas trans nos terreiros, utilizando argumentos como "somos todos humanos e merecemos respeito", nenhuma delas mencionou as divindades que desafiam o binarismo de gênero ocidental nos contextos tradicionais africanos.

Considerações finais

Considerando as análises teóricas e os dados obtidos, conclui-se que as religiões de matriz africana, em particular o candomblé e a umbanda, possuem um grande potencial inclusivo em relação à diversidade de gênero. A maioria das lideranças religiosas entrevistadas demonstra uma postura acolhedora em relação às pessoas transgêneras, reforçando a ideia de que a espiritualidade deve transcender questões identitárias e que todos, independentemente de gênero ou orientação sexual, devem ter acesso ao espaço sagrado. No entanto, ainda existem desafios a serem superados, principalmente relacionados ao preconceito social, à transfobia e à falta de orientação e formação adequadas sobre diversidade de gênero.

Um ponto crucial que emergiu deste estudo é a necessidade de maior valorização do simbolismo religioso presente nas cosmologias afro-brasileiras, que já oferecem figuras divinas, como Oxumarê e Logunedé, que transcendem as normas cisheteronormativas. A ausência de uma discussão mais aprofundada sobre a sexualidade e a fluidez de gênero dos orixás limita a riqueza e a potência desses símbolos no debate sobre inclusão e respeito às identidades trans dentro dos terreiros. Incorporar essas figuras como parte fundamental do discurso religioso pode não apenas legitimar, mas também fortalecer a presença de pessoas transgêneras nesses espaços, reafirmando a cosmologia afro-brasileira como um campo de resistência à normatividade imposta pela colonização ocidental.

Assim, as lideranças religiosas que participaram da pesquisa evidenciam que a inclusão de pessoas trans não só enriquece a comunidade espiritual, mas também pode ser vista como uma forma de resistência à cisheteronormatividade e às opressões sociais mais amplas. A espiritualidade e a fé se destacam como forças centrais nesse processo, capazes de transcender as barreiras impostas pelas construções sociais de gênero. Contudo, é essencial que essas lideranças e suas comunidades estejam abertas ao diálogo contínuo, à educação e à reflexão crítica sobre gênero e sexualidade, para que possam ampliar ainda mais o acolhimento e combater as formas de opressão ainda presentes.

Finalmente, é necessário reconhecer que os terreiros, como espaços de resistência e ressignificação, têm o potencial de promover uma inclusão efetiva e de desafiar as normatividades cisheteronormativas. Para que isso ocorra de forma plena, é importante resgatar o papel simbólico dos orixás na legitimação das questões de gênero e sexualidade

e continuar fortalecendo o diálogo entre as lideranças religiosas e suas comunidades. Dessa forma, os terreiros poderão consolidar-se como espaços de acolhimento, cura e transformação para todas as pessoas, independentemente de suas identidades de gênero e sexualidade.

Referências

- ALEXANDRE, Claudia. *Exu-mulher e o Matriarcado Nagô: sobre masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés*. São Paulo: Fundamentos de Axé, 2023.
- BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith, et al. *The Power of Religion in the Public Sphere*. New York: Columbia University Press, 2019.
- BUTLER, Judith. *Corpos que Importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: edições n-1, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Editado por Frédéric Gros; tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Editado por Frédéric Gros; tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Editado por Frédéric Gros; tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade IV: as confissões da carne*. Editado por Frédéric Gros; tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2020.
- LOPES, Nei. *Logunedé: santo menino que velho respeita*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- OYEWUMÍ, Oyérónké. “Epistemologias de gênero em África. Tradução de Marília Moschkovich”. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.
- OYEWUMÍ, Oyérónké. *A Invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.
- OYEWUMÍ, Oyérónké. “Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas”. Tradução para uso didático de: OYEWUMÍ, Oyérónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRECIADO, Paul B. *Eu Sou o Monstro que Vos Fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Trad. Por Karla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

Recebido em: 19/10/2024

Aceito em: 03/01/2025